



LEONIDAS BRAGA DIAS

Alberto Gomes Ferreira Junior

Membro Titular da Academia de Medicina do Pará

Leonidas Braga Dias nasceu a 9 de julho de 1928 na cidade de Guajará Mirim, no então Território Federal do Guaporé, hoje Estado de Rondônia, filho de Francisco e Adalzira Dias.

Seus primeiros anos foram passados em sua cidade natal, no convívio com seus irmãos, em brincadeiras próprias da infância, como tomar banho no rio, correr livremente pelas ruas ou esperar a chegada do trem na antiga Estação da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Essa vida tranquila, sofreu um duro golpe quando, em 1938, perdeu sua mãe, obrigando-o a transferir-se para Manaus com alguns de seus irmãos, indo residir na casa da professora Ritinha, onde completou seus cursos primário, secundário e colegial. Anos mais tarde, ele lembraria esses fatos ao escrever diversas poesias acerca desse período de sua vida.

Finda essa fase, onde sempre acalentou o sonho de ser médico, transferiu-se para Belém do Pará e prestou exame vestibular à Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará em 1948.

Quando mal iniciara seus anos acadêmicos, perdeu o pai, o que o deixou temporariamente desorientado diante das dificuldades que precisou enfrentar. Foi então, acolhido como um filho pelo casal Benedita e João do Monte, amigos de seu pai, que também conseguiram que ele se tornasse um professor de Desenho,

ensinando-lhe as técnicas e cedendo seu lugar no Instituto Brasil, contribuindo para despertar nele a paixão que nutria pelas artes plásticas.

Com a vida equilibrada, concluiu o curso médico com a turma de 1953.



Foram seus colegas de turma e também se destacaram no exercício profissional e no magistério, Carlos Amaral Costa, Danilo Vírgilio Mendonça, Eduardo Ferreira Virgolino, Haroldo Pinheiro, Júlio Nobre Cruz e Maria José Ferreira. Durante sua graduação, já manifestava interesse pela Anatomia Patológica, inspirado talvez na atuação do grande patologista paraense Jayme Jacynto Aben-Athar, então regente da disciplina na Faculdade.

Qualquer que tenha sido sua inspiração, Leonidas rumou para São Paulo apenas alguns meses após sua formatura, decidido a se especializar em Patologia. Lá, iniciou estágio nessa especialidade, no Hospital Antônio Cândido Camargo, da Associação Paulista de combate ao Câncer, hoje Fundação Antônio Prudente. Logo em

seguida, em 1955, transferiu-se para o HSE/IPASE, no Rio de Janeiro, como médico interino e, posteriormente, após concurso público realizado em 1956, foi aprovado em segundo lugar e efetivado como médico especialista em Patologia. Em 1957, assumiu de forma eventual a Chefia do Serviço da especialidade no Hospital, que exerceu até 1962.

Foi no HSE que tiveram início suas atividades como pesquisador, atuando em colaboração com diversos especialistas, entre os quais destacam-se Francisco Duarte Guimarães Neto e Domingo de Paola, que irão ter grande influência em sua carreira de cientista, que culminou com cerca de uma centena de publicações e capítulos de livros, em revistas nacionais e internacionais de sua especialidade.

No mesmo período, desenvolveu intensa atividade didática, atuando como Assistente Voluntário, Professor Assistente da Faculdade de Medicina do Brasil, posteriormente, Faculdade de Medicina da UFRJ; Professor Auxiliar, Professor Colaborador e Professor Associado do Instituto de Aperfeiçoamento Médico (Escola Médica de Pós-Graduação) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Após uma pequena pausa em suas atividades, contraiu núpcias com a jovem Sra. Glycia Leite Dias, na cidade de Belém, em 12 de janeiro de 1957, dando continuidade agora à sua *jornada a dois*, no dizer de seu filho Leônidas Jr., médico e professor de Patologia. Dessa união, resultaram os filhos Laura, Leônidas Junior, Gilson, Hermínio e a caçula Márcia, nascida em 1967, quando então se completam os cinco filhos, "*sete destinos em jornadas unidas*".

Em 1963, recebeu o Título de Especialista em Patologia pela Associação Médica Brasileira. Nesse momento de sua vida, dedicou-se a um de seus hobbies artísticos: a pintura, com a produção de inúmeros quadros e gravuras.

Na aurora da Revolução de 1964, insatisfeito com a qualidade de vida na cidade grande – “quase não via meus filhos: quando saía de casa pela manhã, ainda estavam dormindo e, quando chegava à noite, já estavam dormindo” – e, com toda

cautela e pudor, encarar os desafios e, como filho verdadeiro, domar as terras do Equador, retorna a Belém, onde se estabelece em definitivo. A seguir, retoma suas atividades didáticas como Professor, inicialmente de Histologia e Embriologia e, posteriormente, em 1971, na disciplina de Anatomia e Fisiologia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Pará, ao lado de seu estimado amigo Ronaldo de Araújo e sob a chefia do grande mestre José Monteiro Leite. Para mim, que fui seu aluno em 1972, uma das melhores disciplinas da Faculdade, pela excelência do conteúdo teórico e o conhecimento prático adquirido na sala de necrópsias.

Em 1970, com o falecimento do Prof. Paulo Cordeiro de Azevedo, assume em sociedade com seu filho, o então estudante de Medicina Paulo Sérgio Roffé Azevedo, o Laboratório de Patologia Clínica, fundado pelo mestre. A sociedade frutificou de maneira sólida e contínua e, hoje, se constitui um modelar centro de referência em nosso Estado.

Entre suas inúmeras contribuições ao conhecimento da patologia tropical na Amazônia, está a descrição de dois casos de oncocercose no Amazonas, em parceria com Mário Moraes¹, em duas missionárias americanas, que conviviam com índios Uaicás, oriundos da Venezuela confirmando, definitivamente, através dessa constatação que a distribuição geográfica da doença não estava restrita apenas à Venezuela, México e Guatemala, como se supunha.

Por conta de seu trabalho cooperativo pregresso, inicia suas atividades de pesquisa no Instituto Evandro Chagas, da Fundação Serviço Especial de Saúde Pública (IEC/FSESP), com Domingo de Paola e Bruno Lobo, ex-Diretor, entre 1961-63. Com o incentivo do Prof. Orlando Rodrigues da Costa, então Diretor do IEC/FSESP, foi incorporado em 1964, ao quadro de pesquisadores, participando ativamente da recém-criada Seção de Patologia, para a qual foi contratado e designado como Chefe. A partir de 1965, passa a fazer parte do quadro da FSESP, como médico e Chefe de Seção.



Leonidas, ainda jovem, no laboratório.

Nessa época, dedica-se de modo especial à histopatologia das infecções causadas por arbovírus, onde destacam-se os trabalhos de natureza experimental e que podem ser considerados como de grande relevância e obrigatórios para os estudiosos dessa área.

No IEC, destacam-se suas iniciativas marcantes no campo da Hepatologia Tropical. Em artigo publicado com a colaboração de Mário Moraes, foram eles os pioneiros a propor a denominação de hepatite de Lábrea² para um quadro histopatológico típico, caracterizado como entidade clínico-patológica distinta, cujo agente, provavelmente, um vírus, deveria ser pesquisado, o que ocorreu sob a supervisão de ambos nas décadas seguintes.

O aspecto do fígado dos pacientes portadores dessa condição, caracteriza-se entre outros achados pela presença de grande número de células volumosas e multivacuolizadas, denominadas

células “em aranha” ou células “em mórula”, o que as distingue de outras hepatites. Entretanto, esse quadro histopatológico típico por eles descrito só veio a ser reconhecido por autores americanos em 1976, quando Alonso Strano descreveu a hepatite de Lábrea como entidade autônoma, em seu livro *Pathology of Tropical and Extraordinary Diseases*, naquele ano publicado.

A publicação desse trabalho, assim como de outros artigos³ ou capítulos de livros de sua autoria ou coautoria, despertou enorme interesse nacional e internacional sobre o IEC, tendo contribuído de forma direta para a criação de novas linhas de pesquisa e a modernização de suas instalações para o seu desenvolvimento.

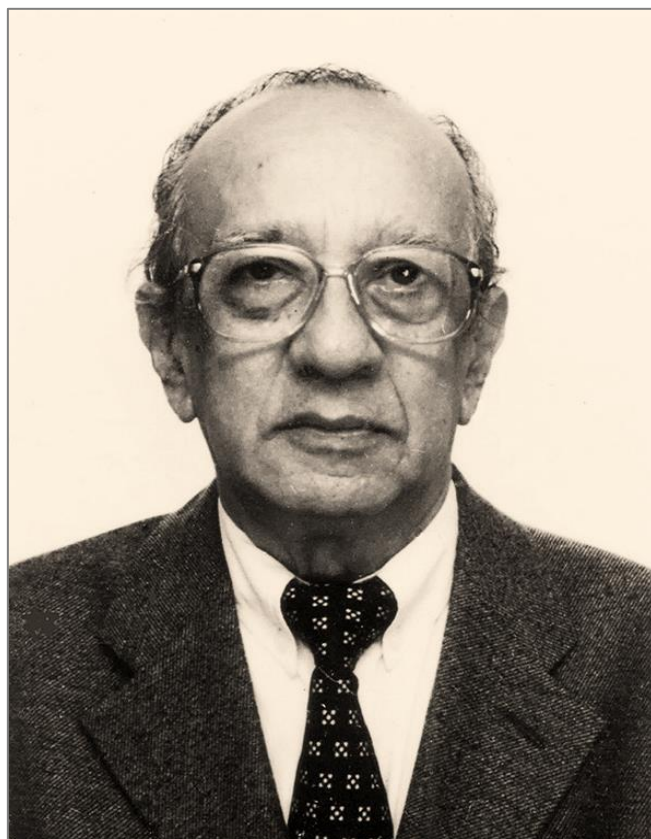
Sua grande capacidade técnica como Patologista, foi reconhecida através de convites para participar de inúmeros Congressos, Seminários, Conferências, Cursos e Aulas, onde com maestria expunha os resultados de suas pesquisas científicas.

Embora, tenha-se desligado do IEC em 1970, jamais deixou de participar das atividades de seus interesses, como o estudo das arboviroses e hepatites por vírus⁴.

Leonidas foi escritor e um grande pesquisador, não somente na área médica. Interessava-lhe a História da Medicina e o registro da memória médica em nosso Estado. Reuniu um enorme acervo sobre esses temas e publicou cerca de uma centena de artigos, além de deixar sem publicação um volume considerável de material catalogado. Com essa contribuição, foi eleito membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, ocupando a Cadeira de nº 25, patronímica de José Coelho da Gama e Abreu, o Barão de Marajó. Seu livro sobre a vida e a obra de seu grande amigo e poeta amazonense Paulo Lima, encontra-se em processo de editoração na Secretaria de Cultura de Manaus.

Foi sócio fundador da Academia de Medicina do Pará (AMP), tendo sido o primeiro ocupante da Cadeira de nº 29, patronímica de José Paes de Carvalho. Na AMP, sempre demonstrou grande devotamento, seja selecionando os assuntos de interesse científico a serem discutidos e pesquisados, assim como defendendo o rigor no processo de seleção de novos integrantes. Foi seu Vice-

Presidente no biênio 1995-96 e membro do Conselho Editorial dos Anais.



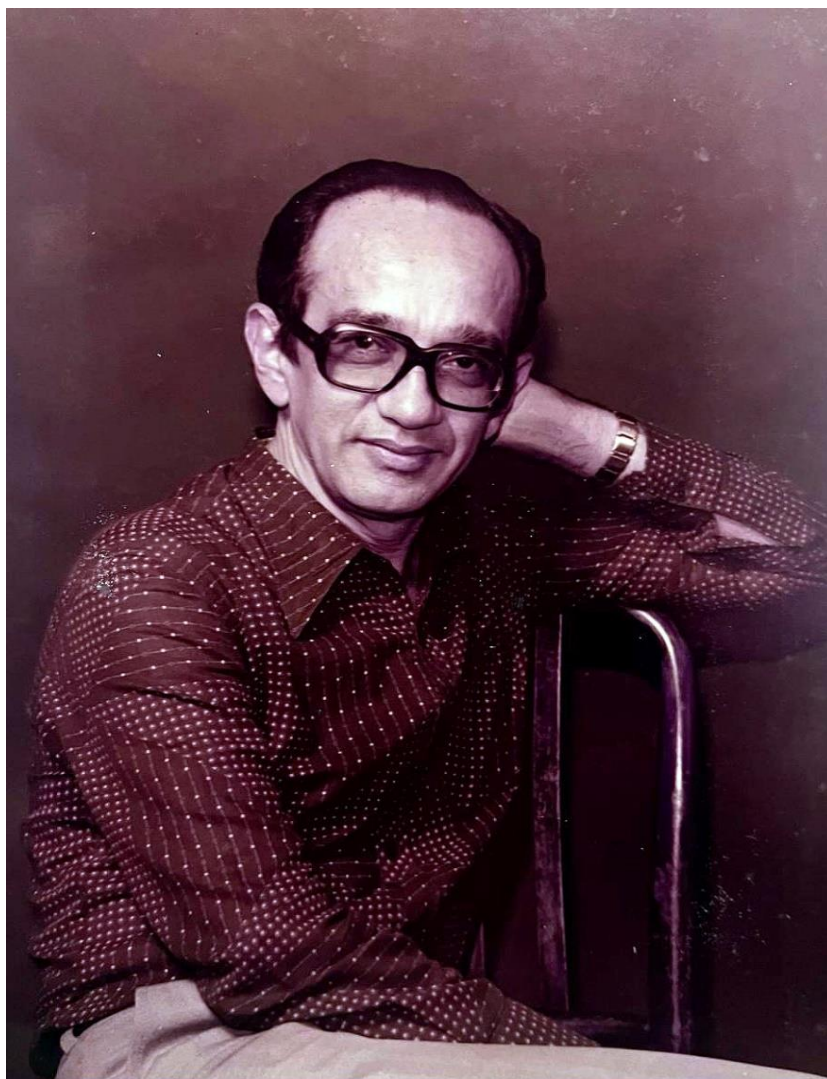
LEONIDAS BRAGA DIAS



Cadeira nº29

Primeiro ocupante

Teve, além disso, grande atuação associativa, como membro do Conselho Estadual de Cultura; da Associação Paraense de Anatomia Patológica, da qual foi seu Presidente; da Sociedade Brasileira de Patologia; da Associação Médica Brasileira; da Sociedade Médico-Cirúrgica do Pará; da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical; da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica - Secção do Pará; e do Conselho Editorial da Revista Paraense de Medicina, da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará.



Segundo Gilberta Bensabath⁴, sua sensibilidade e capacidade de reflexão, manifestaram-se também como poeta e pintor. Sua faceta de poeta, só dada a conhecer nos últimos cinco anos de sua existência, assim como a de pintor, têm muito a ver com sua qualidade de cientista. Como poeta, revela os aspectos de sua infância, a qualidade e os sonhos de criança que conservou pela vida afora e que o ajudaram a ser o cientista que foi: *conservei a curiosidade de menino transformando-a numa permanente busca do conhecimento*. A de pintor, pelo deslumbramento que as cores de suas lâminas lhe proporcionavam.

Modesto e humilde, de uma simplicidade sem limites, nada o fazia perder o jeito próprio de ser e de viver. Guardou da infância o segredo da pureza e a grande curiosidade pelos mínimos detalhes, que marcou toda sua vida.

Faleceu em 4 de abril de 2002, aos 73 anos de idade, ainda em plena atividade, com grande testemunho de homem correto, digno, trabalhador, lutador imbatível e honrado que era. Sua palavra tranquila e sensata era sempre ouvida e seus conselhos de sábio acatados por familiares, amigos e até colegas de profissão.

Seu estimado filho Leônidas Jr., que lhe seguiu os passos na profissão, na especialidade, na docência e na pesquisa, ao reverenciar a sua memória para prestar-lhe uma homenagem e traçar sua rica trajetória entre nós, escolheu um de seus poemas, que vai transcrito a seguir:

SOLIDÃO DO DESTINO

Pelos caminhos da vida,
sozinho,
por algum tempo andei
e procurei alguém
para uma jornada a dois.
Em caminhos paralelos,
nas divergências da vida
seguimos, os dois,
até que mais cinco chegaram.
Sete destinos,
Desdobrados caminhos
Mas, em jornadas unidas.

Um dia,
sozinho,
pelo caminho derradeiro,
terei que prosseguir
Terei que transcender.

Em razão do grau de convivência e amizade desfrutado no ambiente de trabalho no Instituto Evandro Chagas, solicitei ao meu digno amigo Habib Fraiha Neto, que nos enriquecesse com um depoimento sobre essa figura humana singular de colega e confrade que foi o nosso pranteado Leonidas Braga Dias. Este, ficará como um registro para que as gerações mais novas e as futuras da AMP, possam tomar conhecimento de sua personalidade e trajetória vitoriosa entre nós. A seguir, o depoimento.

“Creio que bem poucos membros de hoje da Academia de Medicina do Pará tenham tido a mesma sorte que eu de tanta convivência com Leonidas Braga Dias, pois antes mesmo de participarmos do quadro de membros titulares, fomos

contemporâneos de pesquisa no Instituto Evandro Chagas, com nossos laboratórios situados no mesmo prédio e no mesmo andar, a curta distância um do outro. Além da grande amizade que nos unia, chegamos a trabalhar juntos em projeto de pesquisa sobre os acidentes por contato com a pararama. Coletei exemplares da lagarta em seringais de cultivo no interior do Estado do Pará onde eram mais abundantes, criei-os até a fase adulta, procedi à montagem de exemplares alados para minha coleção entomológica, levei-os comigo a São Paulo para confiar a identificação da espécie ao meu ilustre ex-professor Lauro Travassos Filho, especialista em Lepidópteros no Museu de Zoologia (então pertencente à Secretaria de Agricultura do Estado), e voltei de lá com a informação de que se tratavam de exemplares de *Premolis semirufa*, espécie da família Arctiidae. Valiosa contribuição para seus estudos sobre o tema. Publicamos a respeito um capítulo de livro em parceria (FRAIHA NETO & BRAGA DIAS, 2013)⁵.



Imagens da larva de *Premolis semirufa*, vulgarmente conhecida como pararama.



Adulto da espécie criado em laboratório. À esquerda, em repouso.
À direita, montado em alfinete entomológico.

Fotografias do acervo H. Fraiha.

“Outro momento memorável de colaboração nossa foi quando de minha escolha para organizar e presidir em Belém, em 1976, o XII Congresso Brasileiro de Medicina Tropical e, simultaneamente, o I Congresso da Sociedade Brasileira de

Parasitologia. A comissão organizadora, mesma para ambos eventos, decidiu tomar para símbolo a única peça até hoje conhecida de cerâmica indígena de origem amazônica, que retrata uma figura humana portadora de sinais clínicos de patologia humana: ascite, ginecomastia e caquexia de membros superiores, espécime obtido por um médico paraense, Dr. Ary Tupinambá Penna Pinheiro, primo do Professor Francisco de Paula Pinheiro, este hoje membro honorário de nossa Academia de Medicina, mediante escavação num velho cemitério indígena do vale do rio Guaporé, em Rondônia. Conseguimos até mesmo trazê-la a Belém por ocasião da realização daqueles conclaves, quando permaneceu exposta aos participantes no hall de entrada do auditório da SUDAM, sede do evento. O símbolo terminou imortalizado em medalhas de bronze comemorativas e foi também deliberada sua reprodução em miniaturas de cerâmica. Para isto, Dr. Leonidas Dias, reconhecido por seu talento de artista plástico, aceitou conduzir, pessoalmente, a confecção de trezentas miniaturas por ceramistas da Prelazia de Ponta de Pedras, em Belém, peças a serem distribuídas aos primeiros congressistas inscritos, o que resultou em autêntico sucesso.





Miniatura *souvenir* dos congressos de Medicina Tropical e de Parasitologia realizados em Belém em 1976. Todas medindo cerca de 16 cm de altura.

“Poucos anos depois nos reencontraríamos também na condição de pesquisadores do Núcleo de Patologia Regional e Higiene da Universidade Federal do Pará, que fui convidado a coordenar interinamente por doze meses, entre dezembro de 1987 e novembro de 1988.

“Depois de minha aposentadoria do Instituto Evandro Chagas, aquele órgão passou a ser denominado Núcleo de Medicina Tropical, onde me candidatei e fui aprovado em concurso de Livre Docência, condição em que trabalhei até a aposentadoria compulsória, no Programa de Pós-Graduação em Doenças Tropicais.

“Porém o que mais ainda nos aproximaria haveria de ser nossa condição de membros da Academia de Medicina do Pará. Aprecia-me poder relatar algo que testemunhei como poucos e que talvez jamais se tornasse conhecido de novos integrantes do nosso silogeu. Houve momentos de crise na história de nossa agremiação, marcados pela ausência rotineira de muitos dos membros titulares em nossas sessões científicas ou de caráter administrativo, pela inadimplência e desinteresse pelas coisas de nossa instituição. Dr. Leonidas Dias se destacou então, enormemente, promovendo reuniões da Diretoria em sua própria residência e, pasmem ao saber

do que agora lhes revelo, indo depois, de casa em casa, pessoalmente, a entregar a todos os remanescentes do quadro efetivo, convites por ele mesmo impressos. Algo sem precedente e até hoje não mais observado acontecer, decerto que bastante penoso para um profissional tão ocupado, sério, responsável. Eram, assim, seu amor e entusiasmo pela Academia.

“Quantas vezes o quisemos na Presidência, certos do quanto estaria ela em boas mãos. Esbarrávamos, porém, em sua humildade e desprendimento. Preferia estar ao lado, solidário, disponível, sem honras nem vaidades.

“Foi, indiscutivelmente, uma presença amiga, operosa, dedicadíssima. Fez enorme falta ao nos deixar, tomando-nos a todos de dolorosa surpresa e incontida emoção pelo inesperado e fulminância. Que joia nos foi arrebatada! Amigo afável, respeitoso, simples, puro, sensato, bem-humorado; presença amena e benfazeja; valoroso, ético, solidário. Todos, adjetivos muito bem pensados e absolutamente pertinentes. Destaco dentre eles a simplicidade, a modéstia, em indivíduo de tão grande valor. Deixou-nos imensa saudade. Que Deus o premie com a felicidade eterna, decerto que muito merecida”.

NOTA DA EDITORAÇÃO

O autor sente-se no dever de registrar imensa gratidão à digna viúva do Dr. Leonidas Braga Dias, Sra. Glycia Leite Dias, bem como a seu filho médico, Dr. Leônidas Braga Dias Junior, pela solicitude de subsidiar os dados biográficos que lhe permitiram elaborar tão valioso depoimento acerca da vida de nosso saudoso confrade.

REFERÊNCIAS

1. MORAES, Mário; DIAS, Leônidas Braga. Oncocercose no Estado do Amazonas, Brasil. **Rev. Inst. Med. trop. São Paulo**, v. 14, p. 330-333, 1972.
2. DIAS, Leônidas Braga; MORAES, Mário A. P. Hepatite de Lábrea. **Rev. Inst. Med. trop. São Paulo**, v. 15, n. 2, p. 86-93, mar.-abr., 1973.

3. LEÃO, Raimundo Nonato Queiroz de; LEÃO Filho, Jovelino; DIAS, Leônidas Braga; CALHEIROS, Lélío Bringel. Infecção humana pelo *Lagochilascaris minor* LEIPER, 1909. Registro de um caso observado no Estado do Pará, Brasil. **Rev. Inst. Med. trop. São Paulo**, 20 (5): 300-306, set.-out., 1978.
4. BENSABATH, Gilberta. Leônidas Braga Dias. Necrológio. **Rev. Soc. Bras. Med. Trop.**, 35 (4): 415-416, jul.-ago., 2002. <https://doi.org/10.1590/S0037-86822002000400023>
5. FRAIHA NETO, H.; BRAGA DIAS, L. Periartrite falangeana por pararama. In: LEÃO, R. N. Q. de. **Medicina Tropical e Infectologia na Amazônia**. Belém: Samauma / Instituto Evandro Chagas, v. 2, cap. 83, p. 1591-1595, 2013.

